

A psicose não-desencadeada ou a psicose ordinária

Alberto Philippi May

Psicanalista Membro de Trieb Espaço de Psicanálise

“Se não somos capazes de perceber que há um certo grau, não arcaico devendo ser posto em algum lugar no nível do nascimento, mas estrutural, no nível do qual os desejos são propriamente falando loucos, se para nós o sujeito não inclui em sua definição, em sua articulação primeira, a possibilidade da estrutura psicótica, então não passaremos de alienistas”. J.Lacan, seminário A identificação, 2 de maio de 1962.

Resumo

Neste artigo, busca-se teorizar as possibilidades de estabelecer uma clínica diferencial das estruturas clínicas, das neuroses ou psicoses. A partir desse lugar, o analista se situa num lugar de escuta, e de onde possa começar a pensar sobre o que se revela desta fala do sujeito, que se endereça ao psicanalista. Esse endereçamento de tal discurso pode revelar, por sua vez, sintomas de uma estrutura neurótica, ou, por outro lado, fenômenos elementares, como transtornos de linguagem, próprios de uma estrutura de psicose. Poder ter a leitura deste diagnóstico é fundamental para que o analista possa estabelecer a direção de um tratamento possível das psicoses.

Abstract

This article seeks to theorize the possibilities of establishing a differential clinic of the clinical structures of neurosis and psychosis. From this perspective, the analyst places himself in the position of listening, from which he can start to reflect about what is revealed from the subject's speech, which is addressed to the psychoanalyst. The addressing of such discourse can reveal, in turn, symptoms of a neurotic structure, or, on the other hand, elementary phenomena, like language disorders, typical of a psychosis structure. To have the understanding of this diagnosis is crucial, for the analyst to be able to establish a direction on a possible treatment of the psychosis.

Na clínica psicanalítica, se recebe, as vezes, sujeitos com uma sintomatologia, que não possibilita, de início, saber se se trata de um sujeito com estrutura de neurose ou de psicose.

Há psicoses em que aparecem, claramente, elementos em suas manifestações, revelando uma psicose que poderíamos descrever como psicose extraordinária, com a presença de fenômenos elementares, claros e evidentes. Há também, sujeitos psicóticos que parecem bem normais em suas falas, deixando o analista em séria dúvida a formular um diagnóstico diferencial. Então, a questão que se coloca, é como reconhecer um sujeito que nunca passou por um surto ou episódio próprio de uma psicose.

Podemos pensar que trata-se de uma neurose grave, ou algo que revela uma estrutura de psicose não-desencadeada? Isso nos convida a pensar como começa uma psicose. Nas entrevistas preliminares, pode nos indicar fenômenos elementares, que podem nos indicar esse diagnóstico. São interrogantes assim, com os quais cada analista se depara na clínica.

A experiência clínica nos evidencia que, em algum momento de sua vida, o sujeito é chamado a responder, a partir de um significante primordial, cujo encontro será revelador de sua questão e de sua estrutura. A clínica psicanalítica busca, de forma atenta, estabelecer dentro do marco de uma análise, pensar de que lugar o paciente responde a essas injunções ou acontecimentos. Para pensarmos sobre isso, lembramos que Lacan, ao abordar a psicose, postulava a existência de quatro proposições.

Na primeira proposição, Lacan (2010) diz que “o sujeito neurótico habita a linguagem, enquanto o sujeito psicótico é habitado pela linguagem”.

Na segunda proposição, Lacan (2010) diz que: “o sujeito psicótico só pode ser considerado assim, se apresenta transtornos de linguagem”.

Na terceira proposição, Lacan (2010) vai dizer que “o fenômeno elementar reproduz a estrutura da psicose, da mesma forma que a folha representa a estrutura da árvore”.

Na quarta proposição, diz que “a psicose é produzida pela rejeição do nome do pai”.

Se o sujeito neurótico habita a linguagem, é que já foi inscrito na cadeia significante, pela ação da metáfora paterna, que ao separar a mãe e a criança, inscreve essa como representada por um significante fálico, por sua vez, representante do nome do pai. Assim, ele habita a linguagem como ser linguageiro ou parletre, como dizia Lacan. Dessa forma, a linguagem é sua morada, seu mundo, o que possibilita seu modo de viver e de construir suas relações e laços discursivos com o Outro, e com os semelhantes.

O sujeito psicótico, ao não passar pelo Édipo, e pela sua não inscrição na metáfora paterna, não é separado da mãe, se perdendo como falo imaginário desta. Se para estar e habitar a linguagem, é necessária a operação de separar, no sentido do simbólico, o sujeito psicótico fica nessa não-separação, na dimensão apenas metonímica da linguagem. Daí que Lacan nos diz que o psicótico fala, mas não está no discurso, que é de estrutura metafórica. Ele fica marcado na ordem de uma fala, buscando formas de fazer laços, mas que não chegam a produzir um lugar simbólico. Quer dizer, um lugar que pode ser nomeado, na presença e especialmente na ausência do objeto, que assim, pode ser perdido. Ao não poder simbolizar o objeto perdido, nem nomeá-lo, o sujeito se perde na psicose.

Assim como podemos ver na melancolia, no texto “Luto e melancolia”, de Freud (1914), esse objeto, que para o neurótico, pode ser perdido porque pode ser nomeado em sua ausência, na melancolia não se dá, já que a sombra do objeto recai sobre o eu, sem separação.

Lacan, na sua segunda proposição, citada anteriormente, diz que o sujeito psicótico só pode ser considerado assim, se apresentar transtornos de linguagem. Ele os aborda, no seminário 3, “As Psicoses”, onde nos diz que tais transtornos podem ser muito evidentes, como a palavra desorganizada do esquizofrênico ou suas alucinações verbais. Mas podem também, ser muito sutis.

Podemos tomar o exemplo de um indivíduo que traz uma queixa hipocondríaca, em que ele revela uma certeza de que tem um problema no fígado, contra todas as evidências trazidas por exames de vários tipos. Ele se mostra absolutamente convencido de que tem um problema nesse órgão. Isso nos faz pensar que aí, nessa queixa que reforça essa certeza, pode estar um

transtorno de linguagem, já que essa certeza é indialelizável, e não dá lugar algum para uma dúvida mínima, que o fizesse entrar na dialética do discurso.

Em seu último ensino, Lacan propõe que possa existir psicoses que, mais do que transtornos de linguagem, apresentam transtornos do imaginário. Estes transtornos imaginários podem ser lidos como os que se referem a fenômenos corporais e a imagens do corpo. Tais fenômenos corporais, ligados à imagem ou ao real do corpo, podem ser vistos nas automutilações, em cirurgias desnecessárias, ou ainda, em um descuido muito grande com o corpo, corpo não cuidado, não libidinizado pelos significantes, ou ainda, no fato de deixar cair o próprio corpo em uma espécie de abandono progressivo. Como nos diz Lacan, isso pode ser visto em James Joyce, que tirando um pequeno período de dandismo, chegou a perder todos os dentes, por falta de cuidados corporais mínimos.

Nessa espécie de transtorno, pode-se observar, ainda, relatos de falta de sensação de dor, que dentro de um conjunto de fenômenos elementares, podem ser pensados como ligados a um sujeito com estrutura psicótica, mas estabilizada, talvez, por algum tipo de suplência.

Lacan, quando aborda a problemática das psicoses, se refere especificamente ao campo da fala e da linguagem, para com isso sustentar que “o fenômeno da loucura” não é separável do problema da significação para o ser em geral, ou seja, há linguagem para todo homem.

Portanto, a direção da pesquisa lacaniana, a saber, “A Investigação da relação do sujeito com o significante”, compreende as psicopatologias como perturbações que surgem nesta relação, assim como os transtornos de linguagem ou transtornos da imagem corporal. Lacan desenvolve sua concepção estruturalista pensando que o fenômeno psicótico deve ser situado no campo semântico linguageiro. Então, para ele, vai valer aquilo que for nomeado como lei do mal-entendido, essencial e radical, em que ele vai pensar a psicose, como sendo um efeito ou acidente na própria estruturação da linguagem, quer dizer, a forma como o sujeito é inserido nessa estrutura, tendo a partir daí, organizado seu psiquismo ou não.

O pensamento de Lacan, é de poder atribuir aos fenômenos elementares, uma importância, principalmente no sentido de construir a hipótese diagnóstica. Contudo, não se trata, no caso, de forma alguma, de

uma manifestação distinta do resto da psicose. Nesse sentido, Lacan lança mão, para explicar a teoria, de uma analogia que diz que o fenômeno elementar reproduz a estrutura da psicose, da mesma maneira que a folha reproduz a estrutura da árvore. Dessa forma, os fenômenos elementares, por aparecerem primeiro, não são de natureza distinta do que vem depois, mas apresentam em sua configuração, as mesmas leis que estruturam a psicose como um todo.

Lacan, assim como Freud, não aborda a psicose pelo ângulo da dissociação, nem do déficit, mas em termos de ausência de um significante. A hipótese mais simples a ser formulada, a partir da análise, é de que a psicose resulta da forclusão deste símbolo especial, fora da ordem simbólica. Podemos tentar conceber, dessa forma, uma circunstância da posição subjetiva do sujeito, onde o apelo ao nome do pai vai responder, não à ausência do pai real, mas a carência do significante. O pai é a metáfora. A forclusão do significante nome do pai, impossibilita a referência ao pai simbólico. A forclusão deste significante fundamental, faz com que falte ao psicótico, a armação significante mínima que o faria, como no caso do neurótico, um sujeito do discurso.

Contudo, Lacan, em sua abordagem das psicoses, reintroduz o sujeito como efeito de linguagem. A Linguagem, no sentido lacaniano, não é só a fala, mas o que pré-existe a todo sujeito. O psicótico, quer ele fale ou não, não está fora da linguagem, está apenas fora do discurso.

Para Lacan, a forclusão do nome do pai é a ausência radical dessa função, que significantiza e transforma um desejo, e é levada pelo desfiladeiro do significante à obscura vontade do Outro. O Outro, para o sujeito psicótico, continua a ser o lugar de desregramento, de uma vontade que submete o sujeito aos caprichos de um gozo, contra o qual ele não pode levantar nenhuma insígnia. Seja em qualquer situação de sua existência, seja no encontro sexual, nos fracassos em um laço social ou em acontecimentos inesperados, o sujeito reage a partir de um lugar simbólico, que Lacan chama de nome do pai.

Por outro lado, o psicótico, nesse momento de invocação do pai, só encontra o vazio que faz eco às essas invocações do significante do pai, que está ausente. Este é o momento do desencadeamento, ao qual Lacan se

refere como a dissolução daquilo que possibilitava ao sujeito, sustentar-se, ainda que de forma precária em sua existência.

Assim, podemos tomar um exemplo de um jovem inexperiente, que, participando de uma festa cheia de estímulos, se vê na cama com uma garota, mas é, na sequência, tomado por uma angústia, que o envolve num sentimento de estranheza em relação ao ambiente, que começa a lhe parecer esquisito, e onde o retrato pendurado na parede parece a insultá-lo. Ao escutar relatos como este, o analista pode descobrir alguns fenômenos discretos, isolados, acontecidos na infância ou na adolescência, que pode nos indicar algo primário nessa constituição, que pode se referir a uma falha na inscrição do nome do pai.

Podemos, então, constatar que nesses sujeitos, suas experiências falham em referência a um acontecimento, justamente no momento em que todo o saber que tinham e utilizavam para se sustentar no laço social, começa a desagregar, a partir de uma experiência surpreendente e inusitada, de violência sexual ou traumática. Essas emergências trazem ao sujeito uma interrogação impossível de ser respondida a partir de um lugar simbólico, que ao estar ausente, abre, para o sujeito, um buraco vazio, que o induz a uma confusão psíquica, em seu estado psicótico.

Lacan se perguntava se uma psicose teria, como no caso da neurose, uma pré-história, e respondia dizendo que tudo leva a pensar que a psicose não tem pré-história, e acrescentava que, apesar disso, nada parece tanto uma sintomatologia neurótica quanto uma sintomatologia psicótica. O pré-psicótico não é reconhecido como tal, ele se conduz, parece com todo mundo nas relações sociais. De que forma? “Por uma série de identificações puramente conformistas, com personagens que lhe darão o sentimento do que se deve fazer para ser um homem ou uma mulher” (Lacan, (1955-1956)). Por intermédio de uma imitação, de um agarramento à imagem do semelhante, do par que lhe serve de muleta, o pré-psicótico pode viver sem que uma psicose se declare. O acontecimento, como encontro com o real, pode vir balançar esse equilíbrio.

Essa contingência do acontecimento não é previsível, mas isso pode acontecer com alguns: na psicose não-desencadeada ou dita ordinária, os fenômenos elementares, evidentes e significativos, delírios ou alucinações,

que não aparecem nas pré-psicoses. O que se pode observar nas psicoses não-desencadeadas ou pré-psicose, é que estamos na presença de uma sintomatologia que parece histérica, obsessiva ou ainda uma fobia.

Como dizia Lacan, “nada mais normal do que uma pré-psicose”. Ela pode chegar a confundir o analista, porém, apesar das semelhanças, não o é, porque, em algum lugar, ou de alguma forma, há uma particular inflexão do sem-sentido, ou um enunciado, em alguma fixação pouco particularizada e insistente demais, sobre um fenômeno no nível do corpo.

Podemos observar ainda, um desequilíbrio em relação a pequenos acontecimentos, ligados a uma contingência aparentemente banal; pode revelar-se aos poucos, uma psicose não declarada. Lacan, em seu ensino, diz que o sujeito neurótico aparece e nasce como efeito do significante. O sujeito psicótico, é ele também, um efeito do significante, mas de um significante que falta, que falha. O que representa o sujeito psicótico é uma dispersão de significantes. A cadeia significante não faz ponto de estofo, esse é um efeito da forclusão e da falta de inscrição do significante do nome do pai. É o que deixa o sujeito psicótico à mercê de um gozo desordenado. Esse sujeito poderá ter tido uma vida normal, talvez até normal demais, no sentido de que nada marcante lhe sucedeu, nada que assinale sua relação particular a um desejo qualquer.

Na questão preliminar, Lacan nos fala da incidência da função paterna no Édipo, em que nos diz que o pai é uma metáfora, uma vez que sua função implica, precisamente, na substituição de um significante por outro, produzindo, com essa operação, um novo sentido e um novo lugar.

Se a psicanálise busca dar conta da clínica da psicose, escutando a fala do sujeito psicótico, é em razão da singularidade de cada sujeito. O que é importante e determinante na clínica psicanalítica, com as psicoses, é poder operar a partir do ensino de Jacques Lacan, que propõe uma radical mudança de perspectiva nessa direção, que é passar da ideia de noção de lesão, de déficit, à noção de ética. Lacan transmite esta orientação, de que na clínica, a psicose é, também, para ser colocada na ordem da ética.

Se a loucura não é nem um déficit, nem uma dissociação de funções, então ela tem muito a nos ensinar. Sabemos que o trabalho da análise não é apenas escutar, mas a partir dessa escuta, poder fundamentar um saber

teórico. Dessa maneira, entendo que quando Lacan diz, a nós analistas, que não devemos retroceder perante a psicose, é exatamente para possibilitar que nesse trabalho de análise, situado por ele como a práxis do real, possamos aprender, com esses sujeitos, que buscam uma resposta, para de alguma forma buscar uma entrada em um laço social, que permita a eles uma estabilização. Podemos chamar isso, como diz Lacan no seminário 23, de metáfora delirante, ou ainda, a possibilidade de produzir uma suplência do nome do pai.

Sabe-se, na clínica atual, que não seriam psicóticos só aqueles que são tomados por um surto, ou que apresentam claros fenômenos elementares, como alucinações, delírios etc. Podem também existir outros tipos de psicose, que, por possuírem algum ponto de basta, não chegaram a confrontar-se com a falta do nome do pai, e se parecem, em muitos aspectos, com uma estrutura de neurose, essa psicose não-desencadeada, também chamada de psicose ordinária.

Nesse sentido, o psicanalista francês Eric Laurent propõe pensar sobre a hipótese da psicose não-desencadeada, ou psicose ordinária, para justamente refletir sobre outros paradigmas Lacanianos, do que aqueles fundados sobre os escritos de Jacques Lacan, onde encontramos a forclusão do nome do pai, que ao falhar na inscrição da cadeia significante, produz no plano da linguagem, o automatismo mental, a alucinação verbal, e a língua fundamental.

No plano do imaginário, pode se dar a regressão tópica ao estádio do espelho, e também o gozo transexual. Laurent propõe pensar a psicose ordinária, como a psicose da época da inconsistência do Outro, em nossa época atual, em que se generalizou a falha do Outro em nomear o gozo, localizando-o, não permitindo ao sujeito estabelecer um lugar simbólico no Outro.

A tese de Lacan sobre a psicose é a seguinte, em todos os casos em que há psicose, encontra-se uma luz de espanto, e de perplexidade, essa luz edipiana do espanto reaparece sob uma forma validante, isto é, toda psicose se desencadeia em uma situação quase edipiana, na medida em que esse Outro, inassimilável, está como que na própria margem, onde a estrutura edípica se instala.

Em seu seminário, As Psicoses, Lacan diz que o psicótico não admite a inadequação significante, no que este refere à indeterminação de sentido, mal entendido, equívocos. Por isso, Lacan coloca a assertiva, segundo a qual devemos tomar o discurso psicótico ao pé da letra. Lacan vai, então, se referir aos neologismos, formações tão comuns nas falas dos psicóticos.

No neologismo, nas psicoses, Lacan vai apontar um caráter irreduzível, que lhe seria próprio, trata-se de uma significação que remete apenas a si mesmo. Para esses sujeitos, a palavra tem peso em si mesmo. Uma significação, quando surge na neurose, na presença do conflito que o abala, coloca em movimento, a partir da angústia, o recalque – que na psicose não funciona, é inadequado.

Na psicose há um impasse concernente ao significante, que não está inscrito no real. Por isso, seu retorno no real. Dessa forma, Lacan se refere à ideia de um significante no real.

O sujeito estruturado na neurose, por ter sido inscrito na linguagem metafórica, possibilitada por uma afirmação inicial (Bejahung), e uma negação (Vernainung), se coloca numa dialética do discurso. Assim, o sujeito neurótico crê, justamente porque não tem certeza de coisa alguma.

O psicótico não crê, tampouco crê em seu deus, ele tem certeza dele. O psicótico não pede nada a deus, é antes, deus que lhe pede, ordena coisas. Aquele que tem certeza, diz Lacan, não acredita, não dá crédito ao Outro, eles têm certeza das coisas, estes são psicóticos. (Lacan, seminário 3)

O significante na psicose, desencadeia-se, e isto, no momento mesmo, em que poderia haver a inauguração da cadeia significante – a forclusão, que o deixa fora.

Concluindo, pensamos sobre a dimensão que envolve o tratamento da psicose, que por sua vez exige do analista um lugar específico e especial, o qual Lacan chama de secretário do alienado, então, dessa maneira, quando o analista não mais situa o psicótico dentro de uma estrutura neurótica, pode escutá-lo, segundo o que tem para dizer, respeitando sua fala, e mesmo conferindo um valor e uma autenticidade a esta.

Como nos ensinou Freud, mais do que a realidade de fato, é a realidade psíquica que determina as percepções e interpretações da realidade do sujeito, em suas relações com o outro, em sua existência. O que coloca

sempre em relevo, a dimensão particular, e mesmo singular, em qualquer das formas e estruturas existenciais, seja a estrutura neurótica ou psicótica.

Referências Bibliográficas

Freud, S. A introdução do Narcisismo. In. S; Freud, Obras completas de Freud. 1914

Freud, S. Luto e Melancolia em S. Freud, Obras completas de Freud. 1914

Freud, S. Notas psicanalíticas de um relato autobiográfico de um caso de paranoia. In. Obras completas de Freud, volume 12. 1912

Freud, S. A denegação. In. Obras completas de Freud. Volume IXX. 1914

Lacan, J. O estadio do espelho como função formadora do eu. IN. J, Lacan, Escritos. Editado originalmente em 1949. Editora Zahar, Rio De Janeiro. 1995

Lacan, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In. Escritos, pág. 537 a 590. Editora Zahar, Rio De Janeiro. 1995

Lacan, J. Seminário livro 3, As Psicoses. Editora Zahar, Rio De Janeiro, 2010.

Julien, Philippe. Psicose, perversão, neurose, a leitura de Jacques Lacan. Editora Companhia de Freud, Rio De Janeiro, 2002.